

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO GÊNERO “FOLHETO DE CORDEL”: ADEQUAÇÃO OU INADEQUAÇÃO?

Josélia Pontes Nogueira Silva – PROFLETRAS/UEPB/CH

Maria Lúcia da Silva Ferreira - PROFLETRAS

Renata Maria F. de Oliveira - PROFLETRAS

Juarez Nogueira Lins - PROFLETRAS

RESUMO

A colocação pronominal é exigida de acordo com as prescrições gramaticais na constituição de gêneros textuais/discursivos do dia a dia. No entanto, percebe-se que em determinados gêneros escritos, a exemplo daqueles considerados mais coloquiais e/ou menos formais como a letra de canções populares, o email, o antigo folheto de cordel entre outros, o uso é relativizado. No antigo formato do gênero folheto de cordel, por exemplo, não se espera a “adequada” utilização da colocação pronominal. Não obstante, com a modernização do cordel, percebe-se atualmente, uma tendência em se seguir os padrões da gramática tradicional. Dentro dessa perspectiva, esse artigo, oriundo das discussões travadas nas aulas do PROFLETRAS/UEPB/CH, objetiva analisar os usos dos pronomes átonos no folheto de cordel (“Zumbi e Palmares”, do escritor Medeiros Braga), observando-se a adequação ou inadequação da colocação pronominal empregada nesse gênero. O aporte teórico que fundamentou esse trabalho foi composto por estudiosos que tratam dos gêneros textuais/discursivos Marcushi (2008), Bakhtin (1997) e de gramáticos como Bechara (1997), Cegalla (2002), Perini (1998), dentre outros. Pauta-se ainda, nas orientações dos PCN de Língua Portuguesa (1998). Para tal estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e descritiva com abordagem quantitativo-qualitativa. Os dados obtidos indicaram o uso dos pronomes átonos de acordo as prescrições da gramática tradicional, evidenciando o uso adequado da próclise e da ênclise pelo autor Medeiros Braga. Além disso, os resultados confirmam que com a modernização do gênero cordel existe a necessidade de adequação do uso da colocação pronominal como meio de possibilitar a aproximação desse gênero a um número maior de leitores.

Palavras-Chave: Colocação pronominal, gênero, cordel, gramática, ensino.

1 Introdução

A questão da colocação pronominal tem ocupado um lugar de destaque nos estudos acadêmicos, inclusive literários como é o caso de *pronominais*¹ de Oswald de Andrade. E tais estudos, buscam compreendê-la desde os seus usos mais antigos até os atuais, e hoje, não raras vezes, discute-se a relevância da colocação pronominal no ensino de língua portuguesa,

¹¹ Poema modernista de Oswald de Andrade que discute a questão da colocação pronominal. Escrito na primeira metade do século XX, apresenta de forma humorada a relação entre o português padrão e o português coloquial, a língua do povo.

haja vista que na fala, há um quase desuso, inclusive na linguagem das pessoas mais escolarizadas e na escrita, dependendo do gênero, segue aos poucos essa tendência. Se ele for mais coloquial, como o caso do folheto de cordel, espera-se que a colocação pronominal, nos moldes tradicionais, praticamente, inexista. No entanto, é possível observar o uso tradicional da colocação, nesse gênero, o que se faz pertinente interrogar: O uso da colocação pronominal conforme os preceitos da Gramática Tradicional é adequado ou inadequado, na linguagem do gênero folheto de cordel? Qual seria a intenção do autor ao utilizar ou não essa colocação pronominal “adequada”?

Tendo em vista a necessidade de ampliar essa discussão e melhorar o ensino-aprendizagem de conteúdos gramaticais – atentando para a adequação ou não aos gêneros – esse artigo, oriundo das discussões do Profletras/UEPB/CH, objetivou analisar os usos dos pronomes átonos no folheto de cordel (“Zumbi e Palmares”, do escritor Medeiros Braga), discutindo-se a adequação ou inadequação da colocação pronominal empregada nesse gênero – folheto de cordel.

Como aporte teórico o artigo fundamentou-se nos estudos de pesquisadores que tratam dos gêneros textuais/discursivos como Marcushi (2008), Bakthin (1997), e de gramáticos Bechara (1997), Cegalla (2002), Perini (1998), dentre outros. E ainda, nas orientações contidas nos PCN de Língua Portuguesa para o ensino fundamental (1998). E metodologicamente, na perspectiva da pesquisa qualitativa – bibliográfica e descritiva, como veremos mais detalhadamente, a seguir.

2 Metodologia

A metodologia empregada para alcançar o objetivo pretendido é de natureza bibliográfica e descritiva com uma abordagem quali-quantitativa. Inicialmente, foi realizada na sala de aula do PROFLETRAS uma pesquisa bibliográfica sobre o emprego da colocação pronominal na GT, assim como o uso dos pronomes átonos no folheto de cordel “Zumbi e Palmares”, seguida da leitura e análise descritiva dos dados obtidos, bem como de seus resultados.

Consoante Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

Assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada com o objetivo de colher informações a respeito da adequação ou inadequação da colocação pronominal no folheto de cordel,

buscando-se uma resposta para alguns questionamentos. Em seguida, procedeu-se a descrição e análise desses elementos gramaticais.

3 Resultados e Discussões

3.1 Uma breve abordagem sobre os gêneros textuais/discursivos

Consideramos relevante trazer para nossa reflexão o posicionamento de alguns autores sobre a noção de gênero. Os estudos sobre gêneros textuais/discursivos estão na base da terceira concepção de linguagem na perspectiva sócio-interativa dialógica. Bakhtin (1992) assegura que “o ponto de partida para o estudo de língua é o texto”, o qual é dado primário de todas as disciplinas. Essa abordagem de ensino de língua através de textos, já é consenso entre os linguistas, tanto os teóricos como os aplicados. Os PCN também preconizam essa ideia e há boas razões para ser ver a língua nessa perspectiva. Marcuschi (2008) justifica a adoção do texto (falado ou escrito) como fonte de ensino porque o trabalho com o texto não tem limite.

Ainda, segundo Marcuschi (2008), os textos sempre se realizam em gêneros e cada gênero um possui formas próprias de ser entendido. Nesse sentido, os gêneros podem ser definidos como as diferentes maneiras de organizar as informações linguísticas, de acordo com a finalidade do texto, o papel dos interlocutores e a situação; surgem através das práticas sócio-comunicativas dos falantes e são agrupados a partir das semelhanças entre a estrutura do texto e seu conteúdo temático, embora não se possa acomodá-los em categorias rígidas, pois, para atender a interesses e variadas situações de comunicação, estão sempre se transformando.

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Nessa perspectiva, os gêneros, possibilitam uma oportunidade de transpor os desafios de um ensino baseado unicamente no acúmulo de informações sem qualquer relação com o dia a dia do aluno, já que tendem a valorizar os atos sociais em que os atos linguísticos estão presentes.

3.2 O Gênero folheto de cordel

Feito para ser lido e cantado, o cordel é uma forma tradicional da nossa literatura popular. Trazido pelos portugueses no século XVIII, essa modalidade, a princípio oral, era assim conhecida por ser vendida pendurada em cordões nas barracas das feiras livres. No Brasil, é caracterizada por uma representação típica do Nordeste com uma linguagem popular e poética, que retrata em versos e rimas os fatos políticos e sociais. De acordo com Souza (2011, p. 51):

A literatura de cordel tem sua origem relacionada ao ato de contar histórias, por esse motivo há uma forte presença da oralidade em seus impressos. Antes conhecida como ‘literatura de folhetos, a literatura de cordel encontrou seu público consumidor no Nordeste. A divulgação dos versos acontecia de maneira mais tradicional, os próprios poetas narravam suas histórias em feiras.

Como podemos perceber, a oralidade é uma característica marcante nos cordéis, essa forma oralizada encontrada em seus versos chamava a atenção pela musicalidade, o caráter lúdico e divertido. Outro aspecto importante é o fato de os próprios poetas narrarem suas histórias em locais públicos, como as tradicionais feiras. No entanto, a modernidade e os avanços tecnológicos, nos dias atuais, permitiram às pessoas o acesso fácil e rápido da obtenção desse gênero sem a necessidade de se locomoverem até as feiras livres para adquiri-los, assim, a presença dos poetas nesses locais públicos foi ficando cada vez mais escasso.

Considerada um gênero literário geralmente feito em versos, a literatura de cordel durante muito tempo se afastou dos cânones na medida em que incorporou uma linguagem com características específicas e os temas populares são predominantes em seus versos ritmados e cheios de sonoridade. Em relação à linguagem e o conteúdo, a literatura de cordel tem como principais características: Linguagem coloquial (informal); uso de humor, ironia e sarcasmo; Temas diversos (folclore brasileiro, religiosos, profanos, políticos, episódios históricos, realidade social, etc.); Presença de rimas, métrica e oralidade.

3.3 O folheto de cordel Zumbi e Palmares

O folheto de cordel Zumbi e Palmares de autoria de Medeiros Braga(economista, romancista, poeta, e técnico de campo junto a pequenas comunidades rurais), foi publicado em 2010 em João Pessoa – Paraíba . Medeiros Braga é um poeta memorialístico candoreiro, visto que apresenta uma produção literária que biografava personalidades, objetivando à

conscientização política e educacional do povo, por acreditar que a literatura popular pode ser um elemento de formação e transformação.

Tomaz (2004) ressalta que os cordéis de Medeiros Braga ” [...] São feitos para ensinar, para não deixar que fatos importantes da história sejam esquecidos[...].”

Em Zumbi e Palmares, é trabalhada a valorização do negro em atitudes de resistência à escravatura e na revalorização dos aspectos de sua cultura.

O cordel de 22 páginas é uma setilha com 52 estrofes. Nesse texto, o autor expõe a vida do negro a partir de seu nascimento e juventude na África e seu rapto e venda ao Brasil. Propõe ainda, uma reflexão sobre a condição humana em toda a tessitura do enredo sobre a ancestralidade de Zumbi como um homem típico que se consagrou em herói por ideais coletivos. Conforme as estrofes a seguir:

Contam que Ganga –Zumba
Era um tio de Zumbi,
Filho da princesa Aqualtune
Da terra do Javali
Ganga-Zumba comandava
“Cerca do macaco”, que estava
De palmeiras, logo ali.
(BRAGA,2010,p.13)

[...]

Ante tanta liberdade
Mesmo apesar dos pesares,
Conhecendo a igualdade,
Se sentindo em novos lares,
Foi criada, livremente:
A República dos Palmares.
(BRAGA,2010,p.14)

Pode-se afirmar que o cordel de Medeiros Braga faz o relato histórico, ao mesmo tempo em que amplia a condição de Zumbi a todos os negros oprimidos, evidenciando como estes poderiam se contrapor á essa situação.

3.4 Colocação pronominal na gramática Tradicional – O que se diz?

Os pronomes pessoais do caso oblíquo átono são assim situados pela Gramática Tradicional:

Tabela 01 – Pronomes Pessoais Átonos

Pessoas	Singular	Plural
1 ^a	me	nos
2 ^a	te	vos
3 ^a	Se, lhe, o, a	Se, lhes, os, as

Fonte: Construção das autoras 09/2017

Como base para esse trabalho nós tomaremos duas das gramáticas consultadas, a fim de melhor estruturarmos nossa análise. São elas, as escritas por Bechara (2001) e Cegalla (2002).

Consoante Cegalla (2002,p.538), conforme sua posição junto ao verbo, os pronomes oblíquos átonos podem ser:

- Proclíticos (anteposto ao verbo) – *Isso não se faz.*
- Mesoclíticos (intercalados ao verbo) – *Chamar-me-iam de louco.*
- Enclíticos (pospostos ao verbo) – *Quero-lhe muito bem.*

Cegalla (2002), após listar as três posições assumidas pelos átonos, expõe diversos contextos de próclise, alguns de mesóclise e outros de ênclise. O autor justifica a nossa preferência pela próclise devido à pronúncia do Brasil.

a - Próclise: Para a posição proclítica, a obrigatoriedade dá-se diante de palavras que atraem o pronome, citadas assim pelo autor:

- de sentido negativo;
- pronomes relativos;
- conjunções subordinativas – ainda que elípticas –;
- certos advérbios (sempre, já, bem, aqui, onde, mais, talvez, ainda, por que e como), desde que depois deles não haja pausa;
- pronomes indefinidos (tudo, nada, pouco, muito, quem, todos, alguém, algo, nenhum, ninguém, quanto);
- a palavra só, no sentido de apenas, somente, e as conjunções coordenativas alternativas ou... ou, ora... ora, quer... quer;
- Deve ser também de rigor a anteposição do pronome ao verbo nas orações optativas, com sujeito antes do verbo;
- nas orações exclamativas iniciadas por palavras ou expressões exclamativas;
- nas orações interrogativas iniciadas por advérbio ou pronome interrogativo.

b - Mesóclise: A posição intercalada do pronome deve ocorrer nos futuros do presente e do pretérito, desde que não haja, antes do verbo, palavra que exija a anteposição.

- É vedada, segundo o autor, a posposição ao futuro do indicativo e a mesóclise é restrita ao linguajar culto e à modalidade literária, ao contrário do falar corrente, em que se emprega a próclise.

Com relação à mesóclise Cegalla (2002) corrobora que:

A mesóclise é colocação exclusiva da língua culta e da modalidade literária. Na fala corrente, emprega-se a próclise: Eu lhe direi a verdade. Eles se arrependerão (ou vão se arrepender). Ela o chamaria de louco. Ao meio-dia, nos sentaríamos à mesa. (p. 541)

c - Ênclise: sobre a ênclise, Cegalla (2002) destaca:

- as orações reduzidas de gerúndio, excetuando-se essa colocação na presença de palavras atrativas e da preposição expletiva em, em que indica a próclise.
- O autor prescreve, ainda, a posição enclítica em início de frase, observando ser a anteposição permitida nesse contexto apenas na fala coloquial;
- A ênclise é prevista nas orações imperativas afirmativas, como também junto ao infinitivo não flexionado, precedido da preposição a (com os pronomes o, a, os, as);
- Se o infinitivo estiver flexionado e regido de preposição, deve ocorrer a próclise e, junto ao infinitivo impessoal regido da preposição para, a colocação se faz indiferente, antes ou depois do verbo, mesmo com o advérbio não.

Cegalla (2002) , ao contrário da maioria dos outros gramáticos em pauta, ressalta o caráter eufônico – e enfático – da ênclise e não da próclise. Para tanto, o autor destina um tópico intitulado “Ênclise eufônica e enfática”, em que destaca:

Em certos casos, a ênclise é justificada por exigências da eufonia ou da ênfase... “Era verdade que Dom Augustin excedera-se um pouco.” (Viana Moog); “Acontecia às vezes que uma das éguas xucras arrumava-lhe um coice.”(Vivaldo Coaraci). (CEGALLA, 2002, p. 543).

Assim, a partir do prescrito pela gramática tradicional em relação ao emprego dos pronomes átonos, nos deteremos agora à uma análise dos usos dos pronomes no cordel Zumbi e Palmares.

3.5 Uso dos pronomes em “Zumbi e Palmares”

Para esta análise, sobre o uso dos pronomes átonos, no folheto de cordel Zumbi e Palmares, valemo-nos das prescrições gramaticais sobre esse item linguístico. Com vistas a verificarmos se há ou não interferências da fala na escrita quanto à colocação pronominal, ou seja, se há ‘adequação’ ou “inadequação”.

Para analisarmos a colocação pronominal no cordel em questão, servimo-nos da “frase, como unidade da língua”, considerando-se sua “natureza gramatical [que] tem fronteiras, um acabamento, uma unidade que se prendem à gramática”, segundo Bakhtin (1997, p. 297). Nessa ótica, abordamos apenas a estrutura superficial linear da língua, valendo-nos da posição de Perini (1998), o qual, afirma que “qualquer descrição sintática, mesmo analisando a estrutura profunda, tem como um de seus objetivos produzir o traço da estrutura superficial.” (p. 18).

Assim, retiramos do texto de Braga (2010) ao todo, 22 versos para a análise a seguir. Os versos foram divididos de acordo com a regra de colocação da gramática tradicional, sendo considerados de acordo com os critérios de:

a - Próclise: 12 incidências - Quadro 01

Quem o faz não é a corrente – p.06
Nem a força que _o faz.- p.06
Que o batizou por Francisco – p.09
Já se torna o comandante – p.10
Se sentindo em novos lares p.14
Também ali não se deu. p. 15
Firme, se desenvolveu – p.15
Tinha que se exterminar – p.16
Onde só o ódio se espalha. - p. 17
Sem se render nos embates. -p.18
Morrera sem se entregar. - p.18
Que não se ergueu do tombo. – p.19

Adaptado de BRAGA, 2010.

Percebe-se o uso do pronome proclítico utilizado de forma adequada, conforme as normas da GT, pois o autor emprega o pronome átono nos respectivos versos, observando a atração através das palavras:

- Pronome relativo (segundo, terceiro, oitavo verso)
- Certos advérbios (quarto , nono verso)
- Pronome indefinido (primeiro verso)
- Sentido negativo (sexto, décimo segundo verso)

-Orações subordinadas (décimo e décimo primeiro verso)

-Antes do verbo presença de partícula seguida de gerúndio (quinto verso)

Apenas em um dos versos analisados, o autor utiliza a próclise de acordo com a fala corrente, sem que haja a atração das palavras ao pronome átono,(verso sétimo). Ficando evidente o uso adequado da colocação proclítica no cordel.

b-Mesóclise: No cordel analisado não aparecem casos de mesóclise. Haja vista, ser essa colocação de uso exclusivo da norma padrão da língua na modalidade literária, a qual encontra-se praticamente em desuso no português brasileiro.

c-Ênclise: Foram encontrados 10 incidências - Quadro 02

Revela-se bom combatente.- p.10
Fazer –se ouvir sua fala.-p. 10
Fazendo-se de cavalheiro. -p.12
Pra fazê-los contratados. -p.16
Obrigou-se o palmarino. -p.17
Dispôs-se ao procedimento.- p.18
De quedar-se ao desafeto. - p.19
Fizeram-no prisioneiro. – p.20
Zumbi ao aproximar-se. – p.20
Sinalizava-se, fatal, - p.21

Adaptado de BRAGA, 2010

Sobre o emprego da ênclise no cordel, foram empregados pelo autor 10 casos dessa colocação, analisadas a seguir conforme a GT que diz que os pronomes átonos estarão em ênclise:

-Os períodos iniciados por verbo que não seja o futuro (versos: primeiro, segundo, quinto, sexto, oitavo e décimo)

-Orações reduzidas de gerúndio (versos: terceiro)

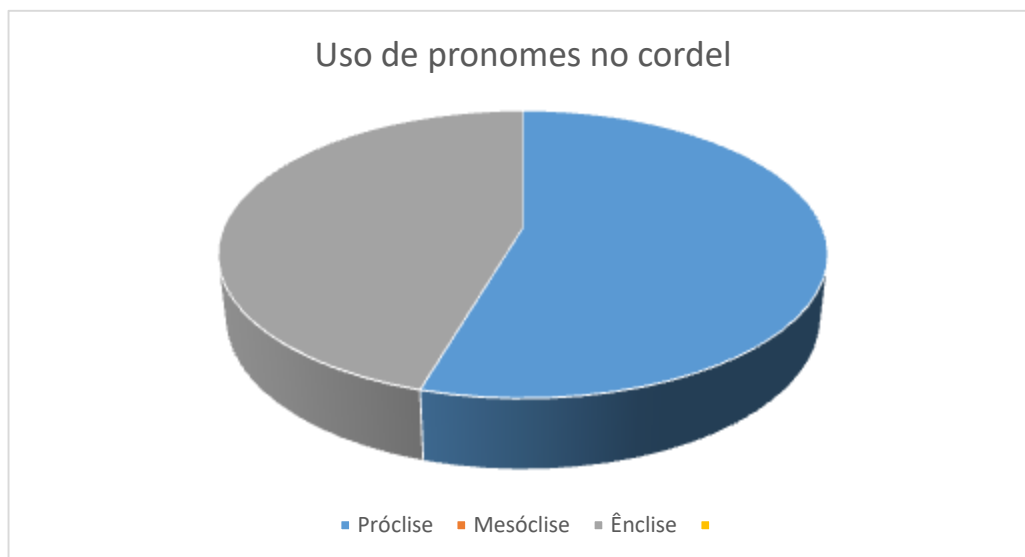
-Vindo o infinitivo impessoal regido da preposição para (versos: quarto)

-Pronome posterior ao verbo (versos: sétimo e nono)

O uso adequado da ênclise constata-se assim nos versos analisados, demonstrando que o autor utiliza das regras da GT com um interesse único de se aproximar de um público leitor escolarizado.

3.6- Dados obtidos – Distribuição Geral no quadro

Gráfico 01



Como já citado anteriormente, foram coletados 22 casos de colocação pronominal no cordel Zumbi e Palmares, desse total geral, 12 representam a colocação próclítica, 10 representam a colocação enclítica e 0, ou seja, nenhuma representação mesoclítica.

Esses dados nos indicam o uso da colocação próclítica e enclítica no cordel, assim como a ausência da construção mesoclítica por ser mais específica da língua culta/padrão – oral e escrita, como ilustram os gráficos.

Os resultados evidenciam que a próclise é a posição mais utilizada, por dar destaque na fala e na escrita, de um modo geral, a ênclise, ainda que pouco utilizada nos textos orais, permanece como uma opção de colocação, sendo nesse cordel em particular, muito utilizada, e a mesóclise tem sido evitada, de fato, tanto pela escrita como pela fala culta brasileiras.

Nessa análise, um fator preponderante nos chama a atenção, o uso "adequado", da colocação pronominal, ou seja, de acordo com os preceitos da GT, próprio da linguagem formal de textos científicos.

Essa visão diverge do esperado da linguagem normalmente encontrada nos cordéis, a qual é marcada pelo uso "inadequado" dessa colocação pronominal consoante a norma culta da

língua, visto ser o cordel, um gênero da literatura popular, de linguagem coloquial, normalmente, não se utiliza da ênclise, em sua tessitura.

Considerações Finais.

Os resultados da análise aqui realizada foram claros: De fato, o uso da colocação pronominal no gênero cordel conforme os manuais da GT, seria adequado do ponto de vista de que o autor possui a única intenção de abrir novas possibilidades de atrair um maior número de leitores, em especial, da esfera acadêmica, ou seja, leitores que possuem um certo grau de escolaridade.

Isso decorre do fato de que o cordel foi, por muito tempo, considerado um gênero popular, realizado em uma linguagem coloquial, mais próxima da oralidade, porém, a linguagem empregada em *Zumbi e Palmares* evidencia que esse gênero vem se modernizando ao se aproximar das proposições gramaticais, a partir do uso dos pronomes de acordo com a norma culta da língua.

Nessa perspectiva, o que para alguns seria considerado como “inadequação”, percebemos com isso, uma tentativa de aumentar o público leitor desse gênero ao aproximar-se de sujeitos escolarizados que fazem uso das regras gramaticais.

Assim, consideramos que o autor Braga (2010) ao fazer uso da colocação pronominal consoante a gramática tradicional, busca extrapolar as barreiras de veiculação desse gênero, abrindo possibilidades de atingir pessoas de outros níveis de escolarização. Por tudo isso, em *Zumbi e Palmares* não há noção de “inadequação”, mas de adequação, visto que se usa os recursos da nossa língua, numa visão dialógica interativa, na qual os sujeitos interagem e se comunicam.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 1º e 2º ciclos: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 36 ed., SP: Companhia Editora Nacional, 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa:** com numerosos exercícios. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

Cervo, Amado Luiz / Silva, Roberto da / Bervian, Pedro A. Metodologia Científica - 6ª Ed. 2007.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Produção Textual, análise de gêneros e compreensão. 7ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. São Paulo: Ática, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de.(org).**Leitura Literária na Escola**: Reflexões e propostas na perspectiva do Letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.